

## **Dexter: a perversão e o fetichismo de um matador em série**

**Edson de Barros Araújo**

### **Apresentação**

Trago neste ensaio uma análise do personagem de um seriado norte americano, chamado Dexter. A intenção é trabalhar um caso clínico, dessa maneira aproveito de uma escuta privilegiada que se revela nos conflitos e devaneios do protagonista no primeiro ano da serie.

A escolha de escrever a respeito de um caso clínico foi devido à seleção de textos do ciclo VI abranger os conhecidos casos clínicos de Freud. Outra fonte de inspiração e encorajamento foi um livro de Sergio Telles: As casas de Freud, no qual ele utiliza a psicanálise, nas suas elucubrações teóricas em diferentes contextos, desde um filme até uma viagem com sua esposa para conhecer a casa em que Freud morou na Inglaterra.

O primeiro ano da série Dexter é a ficção na qual irei sobrevoar com um arsenal psicanalítico. Parto da premissa que de certa forma o que escutamos na clínica é uma ficção e aquele que fala é o protagonista de uma autobiografia. Corroboro com Derrida (2002) quando diz que o ser humano é o único animal autobiográfico e é de uma animalidade que se trata este caso, de um matador em série que põe a baila uma paixão por sangue, manifesta em seu ato.

### **Dexter: a perversão e o fetichismo de um matador em série.**

O seriado Dexter conta a história de um serial *killer* que, diga-se de passagem, é um componente que integra a realidade social norte-americana sintomaticamente. O personagem encontra-se atrelado ao papel do justiceiro, mata somente bandidos e ainda por cima com provas que possam de fato incriminar suas vítimas, isso é uma regra que forma o caráter desse intrigante justiceiro.

A atmosfera do seriado é tingida por cores claras e uma ambiência sonora que, em muitos momentos se contrapõe com a rudeza das cenas de corpos cortados e sangue derramado. A anuência desse seriado é de um drama policial que em alguns momentos beira ao humor negro.

Dexter Morgan trabalha no departamento de polícia de Miami como perito em borrifos de sangue, utiliza toda a sua astúcia para ajudar montar verdadeiros quebra cabeças para a polícia solucionar crimes. Ele é um filho adotivo e o seu padrasto foi um respeitado membro da polícia. O perito tem uma irmã mais jovem que trabalha no mesmo departamento policial como investigadora. Dexter na primeira temporada segue um misterioso assassino apelidado de assassino do caminhão de gelo. Dexter desenvolve uma fascinação por esse assassino e sua bizarra técnica de secar todo o sangue do corpo de suas vítimas. Um enigma a ser decifrado coloca-se diante desse peculiar herói/assassino.

Daqui em diante farei alguns recortes que envolvam questões autobiográficas do personagem associado com os seus atos e conseqüentes reflexões.

Na sua autobiografia coloca já em sua fala a justificativa de seu ato, quer dizer, racionaliza o seu desejo de matar. O padrasto de Dexter é um policial que percebe o quanto seu filho é dotado de uma potência que o conduz a carnificina, uma vontade de sangue que não se esvazia: o pequeno Dexter matava animais cruelmente. É um risco para sociedade, porque isso é algo que inviabiliza qualquer laço, essa é a anarquia, a barbárie. O pai calcula o risco, não deixa um dos seus sem reconhecer a lei, entretanto, esse é o pai que faz uso da lei para transgredir, burlar o que se é, ser uma coisa diferente do que se aparenta. Penso que essas duas coisas são relevantes para continuarmos. Primeiro: esse é o pai imaginário que o nosso herói/assassino toma como balizador de

seu gozo sanguinário. Segundo: o imperativo do supereu é mate quem mata com todas as provas.

Um homem de trinta e poucos anos, solteiro, que apresenta o conflito de não poder ser o que é, queixa-se de sua frieza em relação aos acontecimentos cotidianos. Impossibilitando da saída existencial nietzscheniana: *“torna-te quem tu és”*. Ao mesmo tempo tem em seu ato a mais autêntica prova de sua essência, uma contradição de um bom rapaz com uma namorada, que brinca com os filhos dessa namorada, em seu trabalho chega com uma caixa de *donuts* em uma metáfora diz: *“Sou tão vazio como essa caixa de donuts”* A via da oralidade usada como estratégia para descontrair os seus amigos, um praticante da política da invisibilidade, mas torna-se visível para alguns, em seu departamento coleciona um inimigo, um policial que o olha com desconfiança como se enxergasse a animalidade de Dexter e a tensão entre os dois acirra-se no decorrer dos episódios.

Claro que trabalho uma análise da primeira temporada da série, em que a sexualidade é a possibilidade de desvelar-se diante do outro sexo, isso desencadeia um conflito para Dexter. O sexo exige mais do que o ato, é a necessidade de mostrar-se para um parceiro. O risco de compartilhar o horror que representa a imagem de uma mulher nua, tomada como o significante da falta. Um capítulo do seriado Dexter investiga um analista em que várias de suas pacientes suicidaram-se, supostamente por terem sido sugestionadas. Ele marca uma sessão com esse terapeuta e nesse encontro descobre algo de sua sexualidade, a partir daí estabelece uma relação sexual com sua namorada, coisa essa que não acontecia, porque era algo difícil para as duas partes. A conclusão desse capítulo é que Dexter consegue encontrar vídeos das sessões que o terapeuta alia-se a pulsão de morte de suas pacientes e sugere o suicídio. Dexter mata o terapeuta. Atenuase a dimensão da sexualidade em Dexter com traços incestuosos. No primeiro capítulo da série ele comenta em um de seus devaneios o olhar desejante em relação à irmã: *“se ela não fosse a minha irmã até eu me envolveria”*. Portanto, o real do sexo desestabiliza o nosso herói/assassino, a aversão ao sexo como um sintoma possibilita a construção de hipóteses a respeito do caso.

A trama do primeiro ano da série chega ao fim, a irmã de Dexter envolve-se com um jovem médico especialista em prótese de membros, esse rapaz é o assassino do caminhão de gelo. Dexter começa a investigar o rapaz, entretanto é o assassino do

caminhão de gelo que o encontra primeiro, ele coloca uma boneca desmontada dentro da geladeira do Dexter, que por sua vez fica totalmente seduzido por esse clima enigmático. Esse assassino no desenrolar da série apresenta-se como o irmão de Dexter, um irmão capaz de tirar dos corpos de suas vítimas o sangue que é tão precioso para Dexter.

Irei me ater no momento no capítulo intitulado Banho de Sangue. A polícia convoca Dexter para periciar o sangue de uma cena de crime, era um quarto com uma quantidade sobre-humana de sangue e sem nenhum corpo no local, essa quantidade espantosa de sangue correspondia a vários corpos. Estranhamente Dexter desmaia ao ver tanto sangue, não ocorre só o desmaio, Dexter após sua hiância passa a ter lembranças agenciadas pelo seu encontro com uma cena atual que remete a outra cena, um componente faz ligação com o recalado, algo não é barrado pela censura do inconsciente, um sintoma com traços de conversão. Acredito que isso é de longe uma fobia, como acontece com o astuto pequeno Hans, vejo o desmaio como um gozo intenso: “*Quanto sangue!*”, em contrapartida, Hans é tomado por uma intensa angústia de castração e por um deslocamento inconsciente elege o cavalo como objeto fóbico (FREUD, 1909/2002). Lacan (1992, p. 354) irá dizer: “*No objeto fóbico, trata-se realmente do falo, mas é um falo que assume o valor de todos os significantes, o do pai, se for preciso*”. A eleição de um objeto fóbico pode relacionar-se a um representante paterno. Na análise de Freud é justamente na identificação com um traço paterno (bigode), que se desloca até a imago da parte grossa do arreio dos cavalos e é tomado por Hans como algo que associa-se ao seu complexo de castração. Por isso me questiono, caso Dexter em sua cadeia associativa tivesse desenvolvido uma linha sintomática que o conduzisse a fazer uma fobia que lhe provocasse repugnância ao sangue, ele poderia ter tido uma sorte diferente? Diria que sim, teríamos um Dexter neurotizado, portanto, ao invés do fetiche e a denegação como mecanismos de defesa, ele teria um mecanismo fóbico frente à angústia de castração. Essa questão parece ser tão hipotética e teórica, no entanto, é válida em um diagnóstico diferencial, devemos ter a sensibilidade de mantermos em aberto esse diagnóstico, um pensamento como esse nos auxilia na clínica, como estratégia no atendimento. Feito as ressalvas descartamos a possibilidade de Dexter ser um neurótico, diferentemente do pequeno Hans.

Uma perspectiva relevante é o fato do fetichismo não se encontrar nas mulheres como nos aponta o Seminário 4 de Lacan (FARIA, 2003), curiosamente os casos de

matadores em série pertencem em sua predominância ao gênero masculino. Levanto uma questão mais universalizante: até que ponto o fetiche e a especificidade do desejo de matar se entrecruzam? Não responderia para todos os casos de matadores em série afirmativamente essa questão, porém no caso que analiso é válido pensar na estreita relação do fetiche com o desejo incontrolável de matar de Dexter.

Com essa aproximação do funcionamento psíquico de Dexter com sua ontologia penso em uma questão com a lei. Uma lei interna extremamente rígida, tão rígida que leva o nosso herói assassino a burlar as leis culturais, a transgredir um importante imperativo da polis: não mates! Que tem como finalidade defender a cidade do caos. Aparentemente existe no personagem uma construção fantasmagórica de sangue que o fixa na relação fetichista com o objeto, não há recalque que o impessa de matar, o que existe é o desmentido da castração, a lei de sangue o conduz ao ato. Ai está o palco do perverso? Poderíamos dizer sim, caso seja considerado a lei de Dexter como uma lei de gozo, a qual ele se submete, transgredindo ele faz a lei e sua lei é o seu fetiche. Desse modo, um fetiche por sangue. O fetiche refere-se a uma questão narcísica:

*“Qualquer fetiche remete à mesma estrutura perversa, pois ele tem sempre uma relação essencial com o lugar do objeto primordial: a mãe. A identificação imaginária própria da perversão é a identificação com a mãe, e uma interpretação da falta como falta passível de ser suprida. Daí a função do fetiche. O fetiche é proposto, portanto, como objeto, enquanto significante da lei. Ele é por assim dizer, o Nome-do-Pai” (ANDRADE, 1992)*

Prossigo a análise do capítulo Banho de Sangue, Dexter descobre e associa que o seu intrigante desmaio relaciona-se a lembrança do assassinato de sua mãe, uma lembrança sufocante que o angústia. O quarto com a quantidade exarcebante de sangue foi uma cena montada para provocar Dexter com a autoria do assassino do caminhão. O que encobre o corpo materno é um véu de sangue, um enunviamento da diferença dos

sexos. Um lugar entre o interdito e a transgressão. No seriado o padrasto de Dexter busca a síntese do porque de seu filho ser tão capturado pelo sangue, um desejo ativo, sádico, uma máquina de morte, que ultrapassa a barreira que impossibilitaria o ataque mortífero a outro da espécie humana. No entanto, o filho embebecido no líquido vermelho do corpo da mãe, encontrava-se em uma condição toda gasosa e incestuosa, passa para outra captura, que não destitui Dexter de seu lugar de identificação imaginária com o falo, agora de um pai desvalidado em sua função de responsável pela privação materna, um pai que nem fede e nem cheira. Por outro lado, Dexter sabe a respeito da falta materna, porém denega essa falta. Atrevo-me a dizer que ele passa a ser escravo de um delírio que faz uma aliança precária com o simbólico. Isso é exemplificado na excessiva aparição do pai na conflitiva do protagonista. Uma aparição insistente, que condiciona aquele que assiste o seriado a pensar na força da influência que o pai tem na imaginação de Dexter, mas é um pai perverso, o pai da barganha, da política, aquele que sabe da existência da lei, ao mesmo tempo não a segue e prefere burlá-la. Esse pensamento delirante da lei traçada pelo pai imaginário pode ser entendido como uma identificação com o pai da horda primitiva, acompanhando Serge André (1995) o imperativo categórico do deve gozar, que no seriado aparece quando o pai diz mate somente assassinos, o autor vê uma ambigüidade no pai da horda descrito por Freud em “Totem e tabu”. É o pai que funda a lei, porém ele mesmo é à exceção dessa lei, somente ele detém o gozo pleno, somente ele pode gozar com todas as mulheres. Dexter perverso se mantém identificado a este pai, ou seja, se submete a uma lei do pai primevo, Dexter está por assim dizer ligado à pré-história da lei, ao invés da lei fundada com morte do pai da horda que emerge de um acordo entre irmãos. Desse modo, o herói/assassino está assujeitado a uma lei, e a lei se fecha na repetição de poder ligar-se a mãe.

Dexter Morgan fecha a sua conta no momento em que está constantemente em um movimento dialético com a lei de sangue, que é um representante intenso de sua idiossincrasia, um ideal de Eu, que o restringe a uma única saída no caso de não conseguir fazer laços com um pai simbólico, que o ofertaria outros nomes que fossem capazes de desestabilizá-lo, o encontro de antíteses que causassem torções subjetivas. Isso não bastaria para conte-lo em seu ímpeto, porém, tornaria suas decisões mais difíceis pelas faltas de garantias. Garantias essas que são dadas em seus rituais que seguem rigorosamente o seu delírio, que no seriado remete sempre a identificação dos

ensinamentos do seu pai perverso: *“você deve matar somente aqueles que provocam o mal há outras pessoas, é a melhor maneira de canalizar isso dentro de você. Não deixe vestígios tenha provas”*

Não existe um caso clínico “puro”, ao ponto de poder afirmar que na neurose não existe delírios. Um exemplo disso é que, no caso homem dos ratos existiam uma conflitiva da neurose, no entanto, coexistem elementos psicóticos, como por exemplo os pensamentos delirantes, isso ocorre quando o paciente imagina que os pais lêem seus pensamentos (FREUD, 1909/1998). Dexter em sua “impureza patológica” ensaia momentos de um conflito interno, mais da ordem de uma neurose, até sua circulação existencial acompanhada por pensamentos que possuem características obsessivas. Porém, o excesso é o que tira desse quadro, como se não fosse possível sustentar uma estrutura neurótica. Essa não sustentabilidade da neurose de Dexter Morgan pode ser analisada pela não existência da dúvida, ao contrário da neurose obsessiva, ao menos essa é a tônica do primeiro ano da série, por mais que o nosso herói/assassino questionasse em seus momentos introspectivos a síntese sempre é a mesma certeza: mato por ter um impulso incontrolável, mato aqueles que matam e prejudicam o coletivo. Estamos diante do fetichismo sádico de imputar a dor e a morte.

Um psiquiatra ou um neurocientista diriam coisas diferentes do nosso Dexter. O Psiquiatra, lógico que me refiro aquele que referencia-se ao Cid 10, diria que o nosso objeto de análise teria um transtorno de personalidade anti-social. Por outro lado, o caminho tomado pelo Neurocientista para explicar Dexter são os das sinapses. Já o psicanalista novamente fala do papai e da mamãe? Do complexo de Édipo? Do pai da horda primitiva? Claro que sim, e isso não é pouco. Cada área do saber pode dar a sua contribuição para complexificar discussões que esbarram na ética da vida, o direito de alguém tirar a vida do outro.

Faço uma digressão para finalizar, se puxo o fio de uma produção cultural norte-americana representada por um seriado, não me esquivaria de observar o desejo obscuro das nações. Pessoas que saem de suas casas de madrugada para comemorar a morte de um inimigo, em nome da honra e da vingança tardia do causador da tragédia, nos dão as pistas de um excesso já vociferado por tantos. Osama Bin Laden caçado pelas forças norte americanas até maio de 2011 é dado como morto, um terrorista, aquele que é capaz de conduzir outros homens ao encontro com o real da morte. Mais próximo de nossa pátria temos um Obama que não fica atrás em relação ao terrorista abatido,

autoriza o serviço de inteligência de seu país ao ato que lhe garante cravar o nome entre os notáveis vingadores da história americana, como o general Armstrong Custer, conhecido como o grande matador de índios. Existe algo para muito além de uma simples brincadeira interpretativa com a homofonia das palavras Osama, Obama, O ama. Evidente que é algo que o português nos permite, como um chiste analítico. Mas é o “o ama” que leva milhares de pessoas as ruas comemorarem a morte do inimigo em um devir assassino. O amor obcecado às insígnias de uma nação em algumas circunstâncias é a foca motriz do assassinato, possui a marca de um fantasma, um ato icônico do que um dia foi responsável pela formação da cultura. Seria a forma americana de preservar o ideal democrático ao matar um representante simbólico do fundamentalismo islâmico?

Com essa mudança de rumo volto ao ponto inicial da análise, agora com um algo a mais em mãos para pensar o assassinato como um ato heróico, fundador da cultura e organizador da vida humana. O último capítulo do primeiro ano da série, Dexter tem um devaneio, entrelaçado com o narcisismo de sua subjetividade, ele é tragado pela força imagética de um dirigível com o seu nome escrito com letras garrafais e com centenas de pessoas vibrando intensamente, saldando-o com palmas por livrar a sociedade do banditismo. Dexter Morgan nesse devaneio vive o seu momento de figura pública, o sonho de qualquer político, a vontade de ser eleito ou ganhar pontos a mais nas pesquisas de aprovação, aliás, esse foi o resultado imediato após o anúncio da morte de Osama Bin Laden, o grande símbolo do terrorismo.

É no clichê e na simplicidade do enredo com alguns pontos enigmáticos que várias pessoas assistem ficções como o seriado Dexter. Essa ficção comunica-se com aspectos universais, latentes e manifestos do desejo humano.



### Referências bibliográficas

ANDRADE, L, F, G. *Estrutura e Perversão*, 1992. Disponível em: [http://www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhos/Estrutura\\_e\\_perversao.pdf](http://www.escolafreudianajp.org/arquivos/trabalhos/Estrutura_e_perversao.pdf). Acesso em 13. mai.2011.

ANDRÉ, S. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP, 2002.

FARIA, M, R. *Constituição do Sujeito e Estrutura Familiar: O complexo de Édipo de Freud a Lacan*. São Paulo, Cabral Editora Universitária, 2003.

FREUD, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: o pequeno Hans*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FREUD, S. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva: o homem dos ratos*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.